

86

# A última sessão da Câmara

**BRASÍLIA**  
**AGÊNCIA ESTADO**

Palavras de censura à imprensa, por críticas consideradas "injustas" ao Congresso Nacional, e um tom geral de tristeza pelo fato de muitos deputados, não reeleitos, estarem deixando a Casa, além de manifestações de esperança na Constituinte, marcaram, ontem de manhã, a sessão especial de encerramento do ano parlamentar na Câmara dos Deputados. A Câmara e o Senado estão agora em recesso, que só será interrompido no dia 1º de fevereiro, para a posse dos novos deputados e senadores. A partir de então, começará a funcionar a Constituinte. Mas o Congresso ainda continuará em recesso até o dia 1º de março.

A sessão de ontem, que marcou também o final de mais uma legislatura (período de quatro anos, correspondente ao mandato de deputado), durou duas horas, apesar de só terem falado o presidente da Casa e os líderes das bancadas partidárias. E ape-

nas um deles, Álvaro Valle (PL-RJ), aproveitou para fazer críticas ao governo, dizendo que a liquidação das reservas cambiais, de cerca de oito bilhões de dólares, "foi o custo da vitória do governo nas urnas de 15 de novembro".

Ao abrir a sessão, com algumas palavras de improviso, Ulysses Guimarães fez uma leve censura aos jornalistas incumbidos da cobertura das atividades políticas. Disse que, "nesses anos tão difíceis", pôde verificar "a estirpe, a raça, a categoria da Casa, apesar disso ser freqüentemente incompreendido por aqueles que foram credenciados pela presente legislatura para representar, atuar e ser a voz do povo brasileiro". Mais adiante, contudo, na parte escrita do discurso, agradeceu aos jornalista, "cuja atuação — disse — nos auxiliou e estimulou ao longo dessa jornada".

O líder do PDS, Amaral Neto (RJ), foi mais claro, dirigindo-se diretamente "aos colegas jornalistas", "Fui tão justo e, às vezes, tão mais

injusto do que eles, hoje" — disse. E acrescentou: "Se esta Casa tem tantos defeitos, se no futuro vai continuar errando, pelo amor de Deus, companheiros da imprensa, não se esqueçam de que somos, políticos e jornalistas, irmãos xifópagos. A morte de um é praticamente a morte do outro. Às vezes, leva-se a crítica a tal ponto que se esquece que isso pode liquidar a própria crítica, com o fechamento do Congresso". Mas assinalou que prefere as injustiças que os jornalistas podem cometer ao seu silêncio "diante dos nossos erros".

A seguir, foi a vez do líder do PTB, Gastone Righi (SP). Depois de enumerar as várias "conquistas" do atual Congresso, principalmente no campo político, disse: "Tudo isso foi feito por esses injuriados políticos profissionais. Quantas injustiças não sofreu este Congresso e esta Câmara. Injustiças que os colegas, os amigos da imprensa praticaram contra nós". Gastone Righi afirmou, porém, não censurar o direito de crítica, mas lamentou que "só houve críticas". "Em nenhum momento o Congresso foi

enaltecido por qualquer de suas atitudes", acrescentou. A seu ver, se alguns deputados mereceram críticas por sua conduta, por sua ausência, outros, que cumpriram seu dever, com dignidade, foram também por elas atingidos. Mesmo assim, ele disse preferir, "apesar de tudo, uma imprensa injusta a uma imprensa áulica, sabujosa ou venal".

Para o líder do PMDB, Pimenta da Veiga (MG), os jornalistas que atuam no Congresso "não apenas ecoam os trabalhos parlamentares como são verdadeiros juízes, porque são alguns dos poucos brasileiros que podem, pessoalmente, verificar a atuação dos seus representantes". Na sua opinião, a imprensa pode apontar os erros, "que inevitavelmente existem, mas tem também a obrigação de divulgar os acertos".

Sobre os trabalhos legislativos em geral, discursaram também os líderes José Lourenço (PFL-BA), Amaury Muller (PDT-RS), Fernando Santana (PCB-BA) e Siqueira Campos (PDC-GO).